

TERMAS ROMANAS CHAVES



TERMAS
ROMANAS
CHAVES



TERMAS ROMANAS CHAVES



Largo do Arrabalde, 5400-093 Chaves

+351 276 340 500

AQUAE FLAVIAE: AS “ÁGUAS DE FLÁVIO”

■ Termas Romanas de *Aquae Flaviae*.
Encontra-se perante um dos mais
extraordinários e bem conservados
complexos de águas medicinais
do mundo romano.
Os trabalhos arqueológicos aqui
desenvolvidos entre 2006 e 2015

colocaram a descoberto, entre vários
vestígios, as ruínas das termas
medicinais de *Aquae Flaviae*.
Foi um achado incrível que veio atestar
a importância que as águas medicinais
tiveram na urbe romana.



Denarius de Titus Vespasianus, 79 AD.
© Creative Commons.

ATLANTIC
OCEAN



■ *Aquae Flaviae* teve origem numa mansio (pousada) que se encontrava no local onde a grande via que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga) atravessava o rio Tâmega. Esta foi designada por *Ad Aquae* devido à presença de quentes fontes termais.

O aglomerado cresceu rapidamente tendo recebido, no ano de 70 d. C., o estatuto de município romano, atribuído pelo imperador Títo Flávio Vespasiano que rebatizou a cidade com o nome de *Aquae Flaviae*.





AQUAE FLAVIAE: UMA GRANDE URBE

■ A cidade de Chaves foi uma das mais importantes cidades da *Gallaecia*. A sua posição geográfica entre *Bracara Augusta*, a atual cidade de Braga, e *Asturica Augusta*, a atual cidade de Astorga, ambas capitais de província, os bons terrenos agrícolas, a proximidade com as minas de ouro de Jales e de Três Minas, em Vila Pouca de Aguiar e, sobretudo, a existência de águas termais, fez com que se transformasse num dos pontos mais estratégicos de toda esta região. Nos anos 73 e 74 d.C., *Aquae Flaviae* integrava o *conventus Bracaraugustanus*, tendo sido elevada a *municipium latinum* (município), passando a usufruir do *ius Latii*, lei que conferia a cidadania romana a povos indígenas transformando-se num importante centro político, difusor da cultura romana. Com os finais do século III e o começo do século IV d.C., nota-se

um progressivo declínio da importância da cidade por motivos políticos e de segurança, fruto da ameaça das invasões bárbaras. *Aquae Flaviae* era uma típica cidade romana que se assumia como capital de *civitas* (região administrativa). Tal como era comum nas cidades romanas, o centro cívico, administrativo e religioso da vida municipal era o *forum*. Era aqui que se cruzavam as duas artérias principais: o *Cardo* e o *Decumanos Maximus* de onde irradiavam os restantes arruamentos num traçado urbano regular, ordenando as zonas habitacionais de casas abastadas (*domus*), prédios (*insulae*), áreas comerciais (*tabernae*) e os cemitérios que se encontravam fora da cidade, junto às portas de acesso. Aqui chegavam milhares de doentes que vinham de grandes distâncias para se tratarem. Efetivamente, o que marcaria a imagem urbana de *Aquae Flaviae* foi a monumentalidade e o destaque do Complexo das Termas Medicinais



Ponte Romana de Chaves,
também denominada Ponte de Trajano.

Romanas, situadas junto à icônica ponte sobre o rio Tâmega. Notáveis pela sua monumentalidade e estado de conservação, as termas de *Aquae Flaviae* encontram-se lado a lado com outras termas medicinais famosas como as de Bath (*Aquae Sulis*), em Inglaterra, de Badenweiler, na Alemanha e de Hammam Salehine (*Aquae Gadaris*), na Palestina e São Pedro do Sul, em Portugal. Encontra-se perante um complexo termal de tipo terapêutico, que se distingue das termas higiénicas comuns a todas as cidades romanas, tanto ao nível da forma como da função. Para além disso, as termas romanas de *Aquae Flaviae* possuem particularidades que as tornaram especiais: uma vasta área de captação de águas, uma grande afluência de utilizadores, a necessidade de arrefecer a temperatura da água e a cota das nascentes localizadas cerca de três metros abaixo do nível das ruas da cidade romana.

*Toda a fonte quente, porém,
é medicinal, porque, uma vez
aquecida, recebe para os males
físicos uma virtude nova, da qual nos
usufruímos. Na verdade, as fontes
sulfurosas, aquecendo e queimando
completamente com os seus calores
os maus humores dos corpos,
restauram as fadigas nervosas. Por
sua vez, as fontes aluminosas curam
os membros do corpo
quando enfraquecem por paralisia
ou por outra força maligna, graças
à força oposta do seu calor, que
contrária, no correr das veias, o
arrefecimento do corpo, sendo este
logo restituído ao seu anterior estado
de saúde. As fontes betuminosas,
por seu lado, costumam tratar dos
males do interior do corpo, através de
poções que o purificam.*

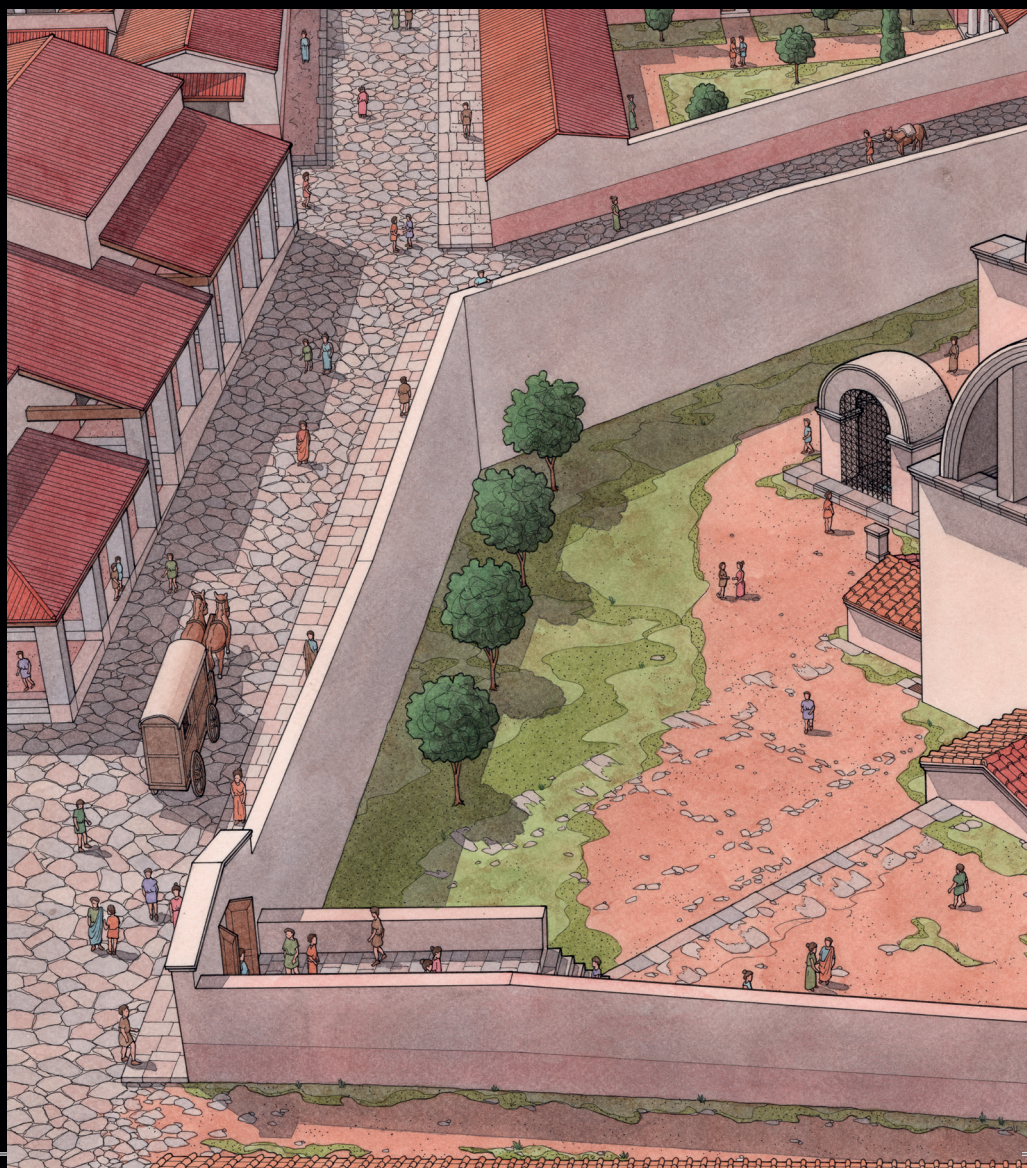
Marco Vitrúvio,
Tratado de arquitectura, VIII, III, 4,
tradução M. Justino Maciel, 2006, p. 301

Sendo o fogo estimulado pelo álumen, pelo betume ou pelo enxofre nas profundezas, ele põe em brasa a terra que está em cima; e deste modo lança para os lugares superiores um vapor fervente, de tal forma que, se nesses lugares que estão por cima nascerem fontes de água doce, elas fervem nos seus veios, indo ao encontro desse vapor, e assim manam sem corrupção do seu gosto.

Marco Vitrúvio, *Tratado de arquitetura*, VIII, III, 1, tradução M. Justino Maciel, 2006, p. 300.

ÁGUA QUE CURA

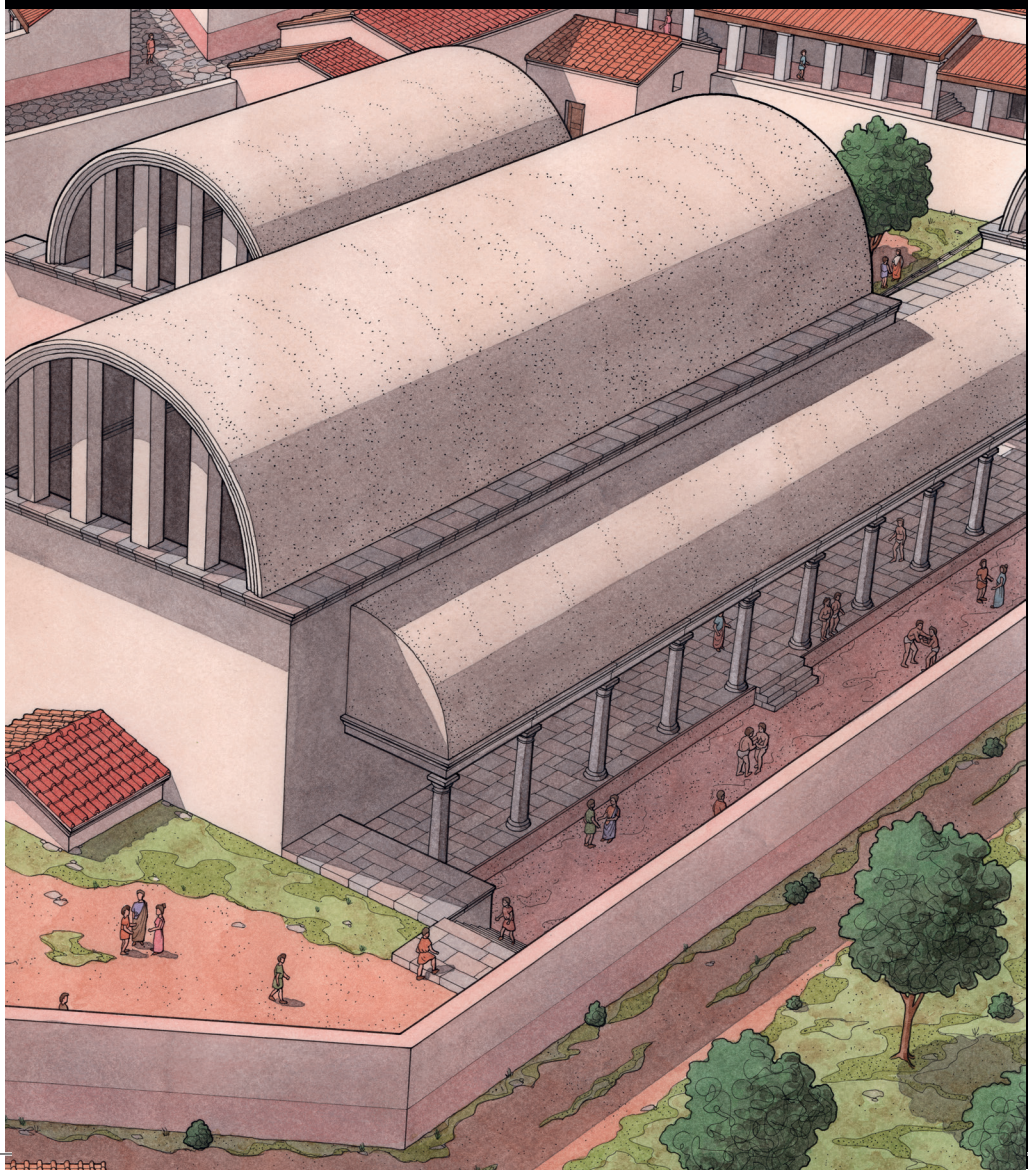
■ Este é ainda hoje o slogan usado pelas atuais Termas & Spa de Chaves. Mas, é, certamente, um slogan que poderia ter sido, igualmente, usado há dois mil anos. Tal como hoje, milhares de doentes vieram, sobretudo entre os séculos II e IV da nossa era, procurar nas águas medicinais de *Aquae Flaviae*



a cura para as suas doenças. Vieram militares recuperar traumatismos, pessoas com patologias do foro digestivo e pessoas com problemas das vias respiratórias. Tal como hoje, muitos vinham de longe e passavam temporadas em *Aquae Flaviae* a fazer o tratamento termal. O complexo termal de *Aquae Flaviae* foi edificado em várias fases. Da primeira fase, datada

do século I, já pouco resta, tendo sido as grandes obras de remodelação feitas nos finais do século II ou inícios do século III, que lhes deram grandiosidade e as projetaram pelo mundo romano. As estruturas agora musealizadas referem-se, precisamente, a essa fase de apogeu.

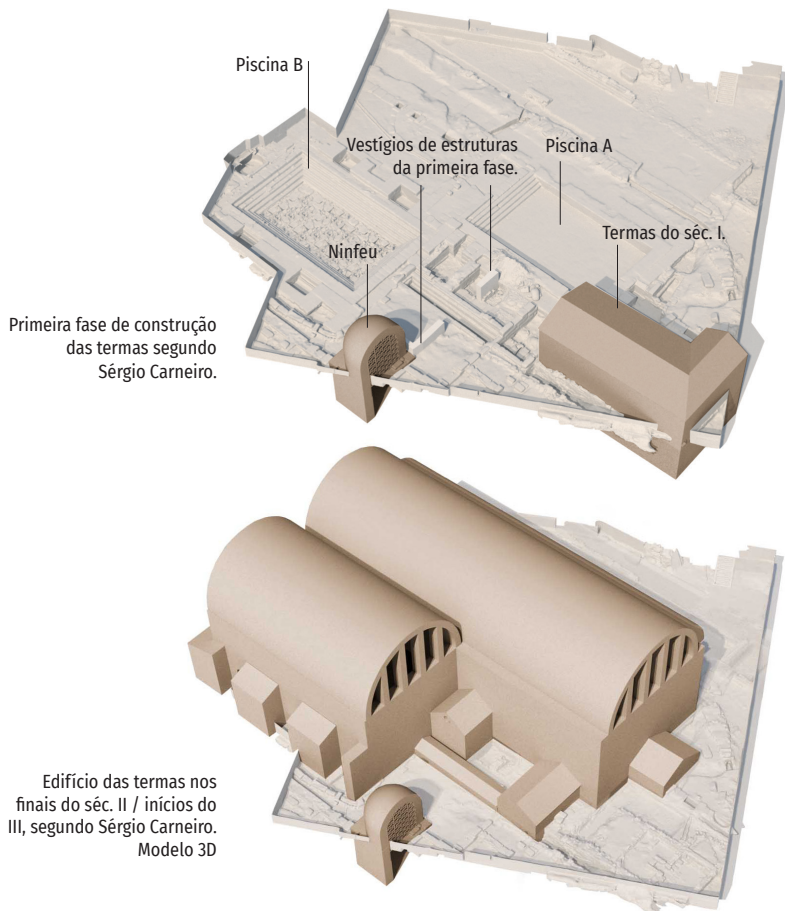
Aspetto geral do edifício das termas no séc. III.
Ilustração: César Figueiredo



UMA IDA ÀS TERMAS

■ O complexo termal de *Aquae Flaviae* foi edificado sobre nascentes de águas mineromedicinais. Os trabalhos arqueológicos permitiram individualizar duas fases construtivas: a mais antiga, do século I, da qual apenas resta um

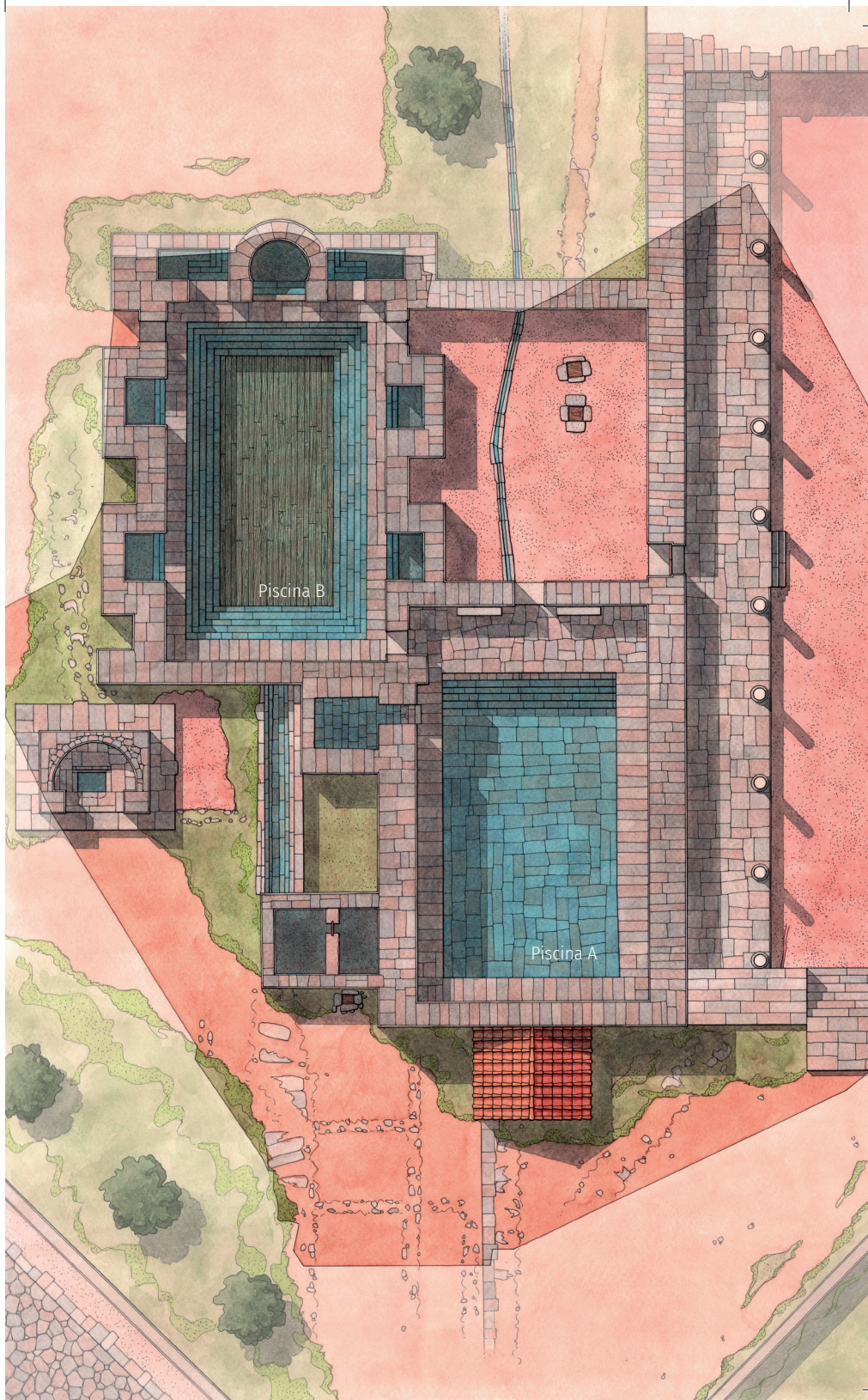
hipocausto, uma sala, uns pavimentos e os vestígios de um muro. Entre os finais do século II e o início do século III da nossa era, assistiu-se a uma grande obra de renovação, à qual pertencem grande parte das ruínas que pode observar atualmente.



■ Imagine-se, então, no ano de 230 d.C., por exemplo, e venha dar um passeio pelas termas medicinais de Chaves. Primeiro, havia que pagar o tratamento

e este dependia do montante que queria despendar. Se, por exemplo, queria usufruir das piscinas individuais, pagava mais.

Aspetto geral do edifício das termas no séc. III.
Ilustração: César Figueiredo

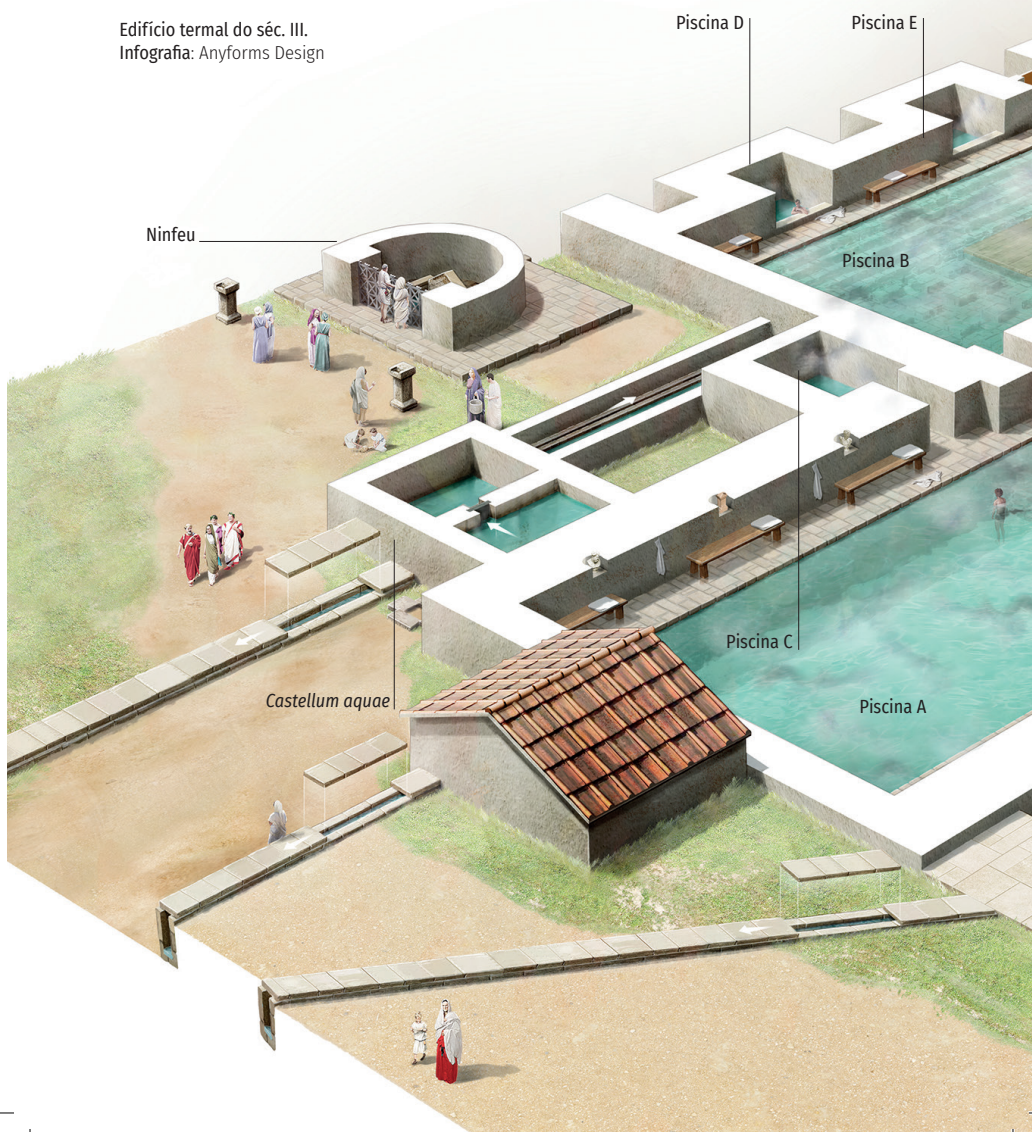


A PALAESTRA E O CORREDOR PORTICADO

■ Após descer uma escadaria, entrava num comprido pátio, aberto, com cerca de 40m de comprimento. Podia sentar-se durante uns instantes no banco corrido que estava à sua direita encostado à parede que limitava as termas deste lado. À esquerda, via um corredor porticado com uma abóbada

suportado com imponentes colunas com capitéis toscanos. Era um espaço movimentado de encontro e convívio, mas também de descanso dos aqistas. Subia, então, três degraus que se encontravam a meio do pátio e atravessava o pórtico. Sensivelmente a meio deste corredor atravessava uma pequenaportae entrava numa grande sala, denominada de Sala 2.

Edifício termal do séc. III.
Infografia: Anyforms Design

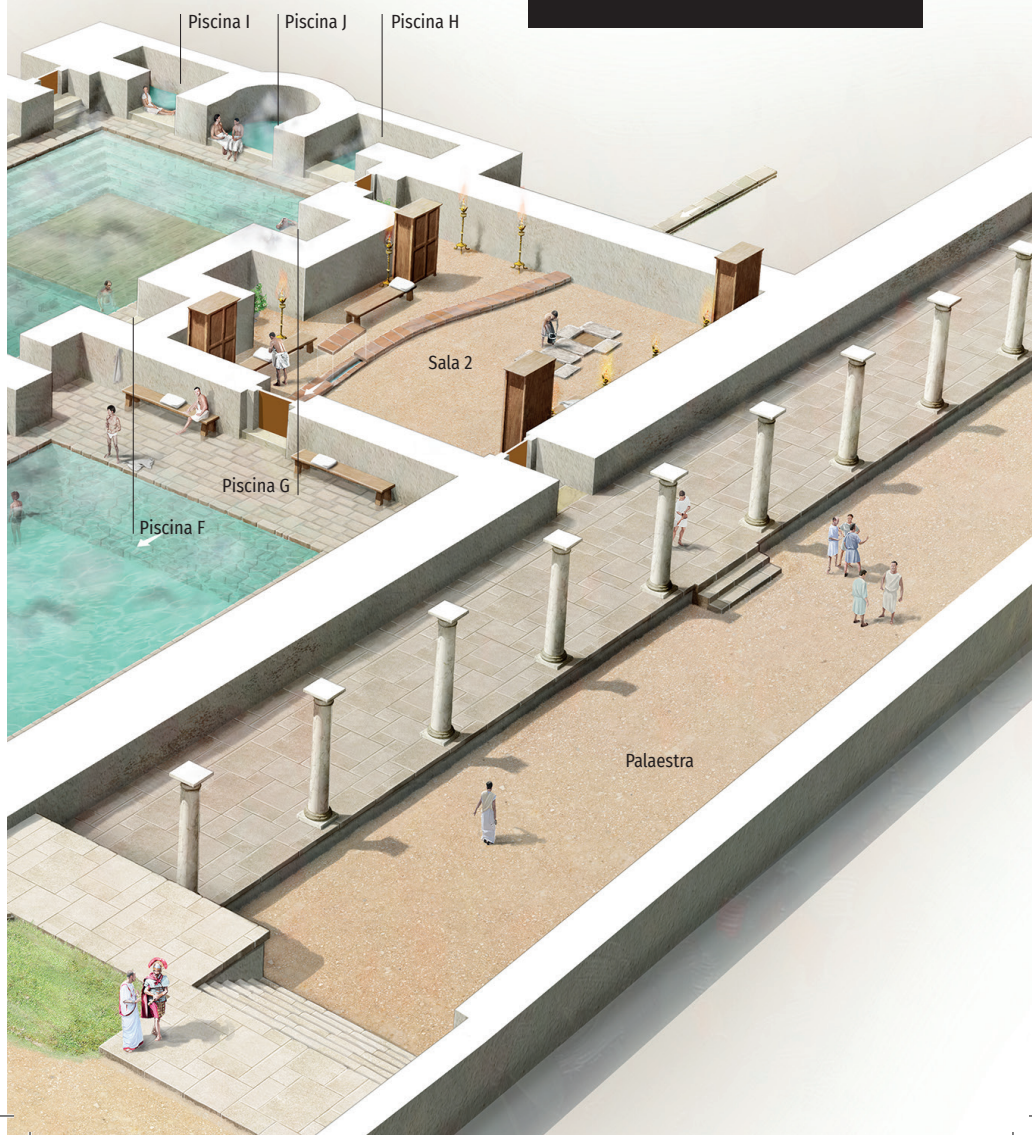


A SALA 2

■ Esta era uma grande sala abobadada, com quinze metros de comprimento e dez de largura. Era aqui que as pessoas se despiam para entrar nas piscinas, guardando as suas roupas em armários de madeira. Ouvia-se a água que corria num canal que ligava à Piscina A. Daqui, podia optar por ir para a Piscina A ou para a Piscina B.



Capitel de estilo Toscano proveniente do derrube porticado da *palaestra*. Séc. III.
Foto: José Alfredo

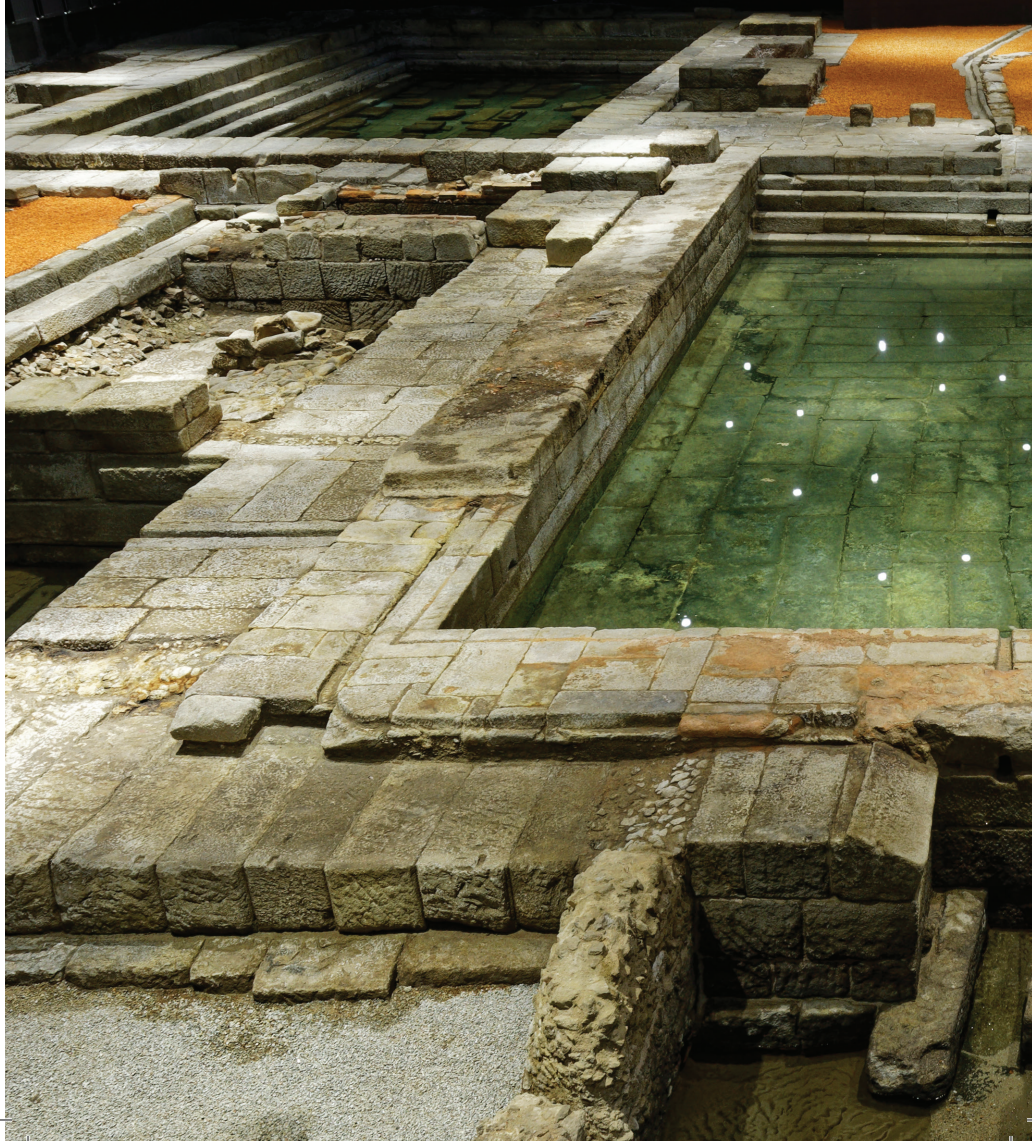


PISCINA A

■ Entrar na sala onde se encontra a Piscina A, devia causar um impacto incrível. Se entrasse vindo da Sala 2, deparava-se com uma enorme sala com uma abóbada de canhão com mais de dez metros de altura.

Assim que entrava no átrio, deparava-se a grande piscina com 13,22 m de comprimento, 7,98 m de largura e 1,63m de profundidade. Antes de descer os degraus para dentro da água, podia pousar a toalha num dos bancos que se encontravam ao lado da porta. Nas escadas encontravam-se homens e mulheres sentados nos

Piscina A.
Foto: José Alfredo



degraus, uns com a água apenas pelos joelhos, outros com a água pelo pescoço. Tudo dependia da terapêutica que fora aconselhada enfermidade de que padeciam. Descia os degraus e caminhava para o fundo da piscina. Contudo, se queria a água um pouco mais quente, podia dirigir-se à Piscina C, mais pequena

e funda e onde apenas se podia estar de pé. A água quente entrava aqui por um canal independente, trazida diretamente do *castellum aqua* a poucos metros de distância. Saindo desta piscina podia dirigir-se diretamente até à Piscina B através de um acesso no extremo Oeste da sala.



PISCINA B

■ Quando entrava na sala onde se encontra a Piscina B, o impacto era ainda maior. Esta é a maior piscina do complexo, com quase catorze metros de comprimento, nove de largura e uma profundidade de pouco mais de dois metros. Nos lados encontravam-se mais quatro pequenas piscinas individuais às quais podia aceder se, para tal, tivesse pago um pouco mais. Ao centro, no topo, podia ver um nicho com uma piscina

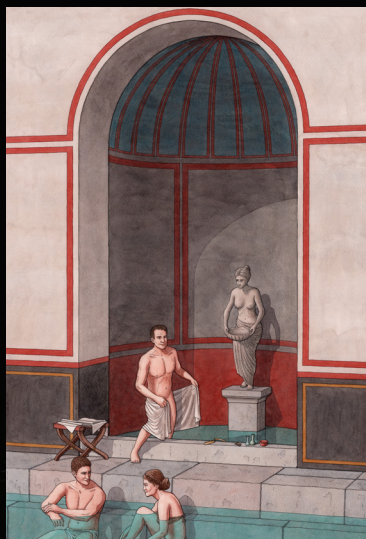
semicircular onde se faziam banhos por aspersão mediante a utilização de um balde. A ladear este nicho encontram-se duas pequenas piscinas, ainda não totalmente postas a descoberto, com apenas meio metro de profundidade. Aqui, ou se banhavam apenas os pés, ou então, possuíam apenas funções decorativas.

Uma escadaria com seis degraus rodeava a grande piscina, ao fundo da qual estava um estrado de madeira. De facto, os trabalhos arqueológicos colocaram

Piscina B.
Foto: José Alfredo



a descoberto no fundo da piscina, 40 cubos em granito, dispostos a intervalos regulares, por forma a suportar barrote em madeira sobre os quais assentava um estrado. Este, permitia ao aquista não queimar os pés e diminuía a profundidade da piscina para 1,60m que era a profundidade da maior parte das grandes piscinas termais da época romana. Após o seu banho curativo, retornava à Sala 2, onde se vestia e saía. Já no exterior, dirigia-se até ao ninfeu, colocava um ex-voto às Ninfas.



Nicho no topo da Piscina B.
Ilustração: César Figueiredo





O FIM

■ Um dia, nos finais do século IV, a terra tremeu violentamente. As abóbadas que cobriam as piscinas caíram apanhando os banhistas desprevenidos. Mas, a história continuou e no século V, foram desobstruídas as Piscinas B e C e isoladas da parte destruída.

O fim das termas aconteceu no século IX, mas durante todo esse tempo, deram-se imensas pilhagens das pedras que faziam parte do edifício. Séculos mais tarde, no século XVII, já sem essa memória, o espaço foi atravessado até à década de 70 do séc. XIX, pelo Meio Baluarte da Vedoria, parte da antiga praça-forte seiscentista.



Fragmento de *opus signinum* de revestimento exterior da abóbada de cobertura da Piscina A.
Foto: José Alfredo



Meio Baluarte da Vedoria, parte da antiga praça-forte seiscentista.

Foto: Sérgio Carneiro

A ENGENHARIA HIDRÁULICA

■ Para que tudo funcionasse na perfeição, foi necessário pensar o edifício ao pormenor. Desde o planeamento à construção. Após escolherem criteriosamente o local, identificaram quais os pontos de nascente que queriam ativos. Depois, impermeabilizaram todo o terreno com a colocação de uma espessa camada de *opus caementicium* (concreto). Desta forma, as águas pluviais e do rio próximo não se misturavam com as águas mineromedicinais. Os materiais foram escolhidos de acordo com o que se queria construir e a sua resistência frente à corrosão destas águas. As piscinas eram forradas a *opus quadrantum* (silhares paralelepípedicos dispostos em fiada), em granito que lhes davam a robustez necessária. Este aparelho em pedra era, por sua

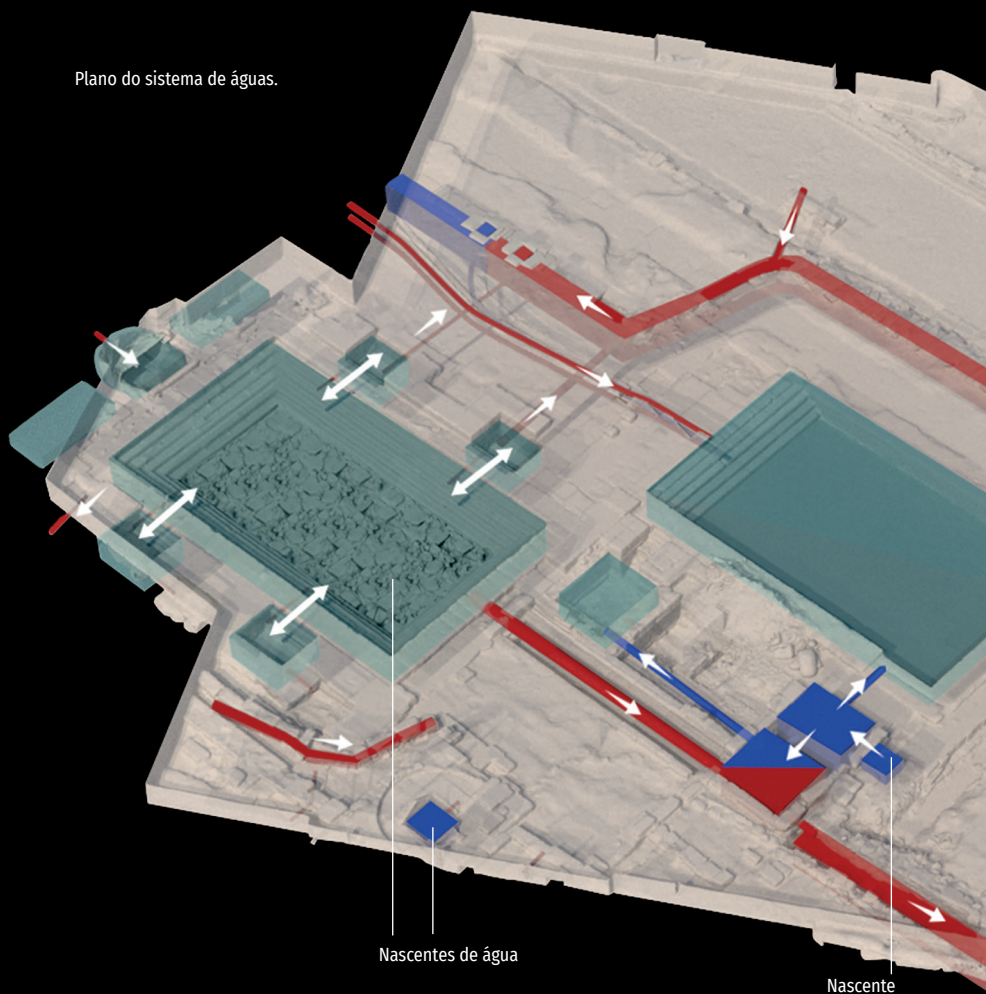
vez, revestido a *opus signinum*, uma argamassa impermeabilizante feita à base de telha moída, o que dava um aspeto visual bastante diferente do que hoje temos. As paredes eram rebocadas e a cobertura abobadada era, provavelmente, estucada. O teto assim construído e estucado, seria decorado com caneluras que acompanhavam a sua curvatura, permitindo que a água condensada escorresse lateralmente e não caísse, arrefecida, sobre o aquista. Verdadeiramente extraordinário, foi o sistema inovador usado para que os banhistas não queimassem os pés no fundo da Piscina B. Para que isso não acontecesse, colocaram um estrado em madeira assente sobre uns caibros que, por sua vez, assentavam sobre 40 cubos em granito.

CONDUZIR E DRENAR AS ÁGUAS

■ Verdadeiramente admirável, é o inteligente sistema de abastecimento, de condução e de drenagem das águas. Efetivamente, foi necessário pensar como é que as águas termais que estavam a três metros abaixo do nível das casas, chegavam até às piscinas. Assim, após

terem forrado o solo com uma grossa camada de concreto (*opus caementicium*), deixaram quatro pontos de extração de água termal: um no fundo da piscina B, outro no ninfeu, outro num poço junto à Piscina A e outro algures a norte. A água chegava ao *castellum aquae* através de uma conduta em madeira

Plano do sistema de águas.

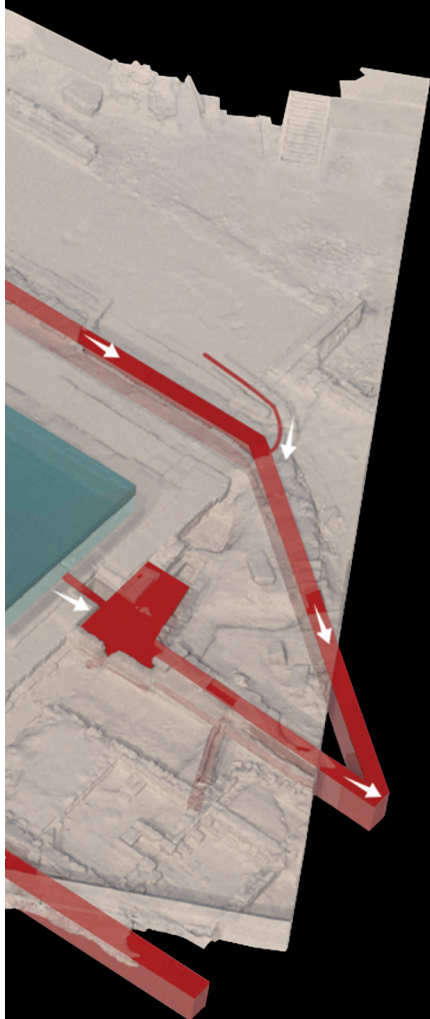


dentro de um orifício na parede e daqui era conduzida para as Piscinas A e C.

Excepcional é, igualmente, o sistema de escoamento de águas. De facto, a dado momento, seria necessário esvaziar as piscinas para limpeza ou arranjos. Para o fazerem, usavam canais e comportas que conduziam as águas para o exterior, através das cloacas.

O CASTELLUM AQUAE

■ Junto à Piscina A pode observar uma singular obra de engenharia hidráulica: o *castellum aquae*. Trata-se de um reservatório de onde se distribuía a água pelas piscinas A, B e C que era extraída de um poço de captação localizado a sul do edifício. Depois de ser filtrada por uma camada de areia no fundo, a água era, então, conduzida até às piscinas. Havia, igualmente, todo um sistema de esvaziamento das piscinas B e C quando estas tinham que ser limpas ou reparadas.



Castellum Aquae.
Foto: José Alfredo

NO EXTERIOR DAS TERMAS

O NINFEU

■ Um pouco à parte, no exterior, inserida num pórtico semicircular (êxedra) e sem comunicação direta com as termas, pode observar uma interessante nascente monumentalizada em forma de poço, denominada de ninfeu, um templo consagrado às Ninfas, divindades da água, mas também as guardiãs deste lugar telúrico.

Este poço de planta retangular, em *opus caementicium*, com um 1,70m de profundidade, era cheio de água termal através de um orifício existente no fundo.

Um outro orifício no topo de uma das paredes garantia o escoamento do excesso de água, o tubo ladrão. O remate é feito por uma estrutura de tipo altar onde se destaca um tímpano triangular decorado com uma rosácea.

Ninfeu.

Foto: José Alfredo





Bessalís. Tipo de tijolo utilizado nos pilae do hipocausto: pilares que elevam o pavimento para que o ar quente circule por baixo e aqueça o compartimento.

Foto: José Alfredo

O HIPOCAUSTO

■ No extremo sul do complexo, pode observar as ruínas de um hipocausto datadas do século I, primeira fase de construção destas termas. Este tipo de estruturas servia, como sabemos, para aquecer as salas e as caldeiras de água. Mas, então para quê aquecer águas quando existe uma nascente a dez metros de distância que brota água a cerca de setenta graus celsius? A resposta está no facto de estas serem parte de umas termas higiénicas que usavam água “normal”, ou seja, os romanos tinham já a noção que as águas medicinais deviam ser usadas apenas com fins terapêuticos e não para a o banho diário, para o qual usavam as águas ordinárias.



AS PEÇAS

■ Após a derrocada que o terremoto provocou, as condutas de escoamento de águas ficaram entupidas, provocando a acumulação de uma lama negra, muito fina e compacta, que criou um ambiente húmido, estável e anaeróbico, evitando a degradação da matéria orgânica e a oxidação dos metais.

Assim, para além da cerâmica e pedra que normalmente compõem a esmagadora maioria dos achados arqueológicos, foram achados artefactos em madeira, vime, osso e metal num excelente estado de conservação.

Destacam-se a presença de pentes em madeira de buxo; taças em madeira que, curiosamente, reproduzem as formas da cerâmica fina (*terra sigillata*) da mesma época; uma *ampulla* (recipiente em forma de cantil) em madeira com uma inscrição com simbologia cristã; uma garrafa em vidro com revestimento em cestaria e isolamento em cortiça (possivelmente para transporte da água termal); alfinetes para cabelo (*acus crinalis*) em osso, pulseiras em bronze, contas de colar em cornalina e azeviche, pinças, espátulas e lígulas relacionadas



Altar votivo dedicado às ninfas encontrado junto ao Ninfeu.
Foto: José Alfredo



Cabeça em mármore de jovem cerca de 220-235 d. C.
Foto: José Alfredo

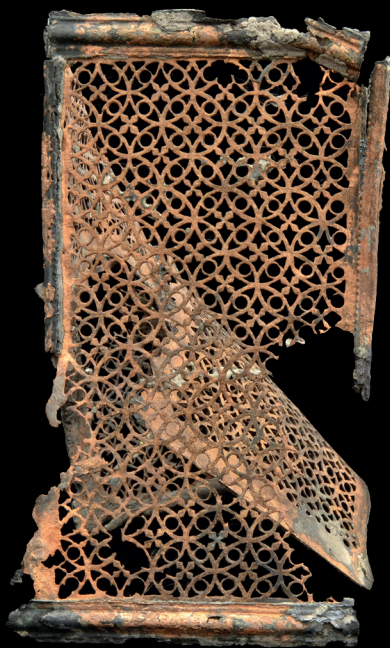
com a higiene pessoal; instrumentos relacionados com a escrita, como estiletes de bronze para escrever em tabuinhas de cera, facas de afiar cânamos e uma caixa de selo, que era usada para fechar a correspondência. Caída no fundo da Piscina A, foi encontrada uma cabeça em mármore representando uma jovem com o penteado de Julia Mameia, mãe do Imperador Alexandre Severo, datada dos princípios do séc. III. Estaria primitivamente a decorar um nicho da sala da piscina, tal como uma pequena

ara, também em mármore, que jazia próximo. Mas, de todas as peças, aquela que mais se destaca pela sua raridade foi o pirgo (torre para lançar dados), em bronze, junto do qual se encontravam dois dados em osso.

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar, igualmente, a presença de um fruto de cipreste, a primeira evidência desta espécie no ocidente peninsular, bem como abundantes cascas de nozes e castanhas e caroços de pêssegos e ameixas que testemunham o consumo destes frutos no balneário.



Base de coluna de estilo coríntio, encontrada junto ao Hipocausto. Séc. I.
Foto: José Alfredo



Pirgo de Chaves.
Foto: José Alfredo



Museu das Termas Romanas

Largo do Arrabalde,

5400-093 Chaves

Contactos

+351 276 340 500

museutermasromanas.chaves.pt

FICHA TÉCNICA

Texto:

Pedro Sobral de Carvalho,



Promotor:

Câmara Municipal de Chaves

Coordenação:

Eon, Indústrias Criativas, lda

Design Gráfico:



anyformsdesign.com

Fonte bibliográfica:

Carneiro, Sérgio, 2017

As Termas Medicinais Romanas de Chaves,

Revista *Aquae Flaviae*, nº 54, Chaves, p. 13-41.

Ano:

2021

Impressão e acabamentos:

Tipografia Beira Alta, Lda.



município de
Chaves



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fragmento de placa em mármore decorada
encontrada no fundo da Piscina A.
Foto: José Alfredo

